

Gripe Fatal

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Um caro colega era visceralmente contra vacinação preventiva da gripe (designação usada comumente em vez de influenza). Primeiro, ele já tinha sido vacinado algumas vezes antes, quando ainda acreditava nessa bobagem — como ele falava. E vejam: só teve gripes mesmo com a vacina: o nariz escorria, tinha dor de cabeça, essas coisas. Não, tosse até que não tinha, nem febre alta, e trabalhava com gripe e tudo, que ele não era de ficar à toa na cama, mas que diabo, a maldita vacina não funcionava. E se em crianças as vacinas podem provocar autismo (ele não diferenciava as várias vacinas nem se dava ao trabalho de analisar as evidências — inexistentes — dessa afirmação), em adultos quem sabe o que poderiam causar — talvez o baixismo, um baixa da imunidade que sabe lá Deus o que poderia desencadear, como infecções agora e cânceres no futuro.

Este caro colega — caro mesmo — cobrava uma nota por consulta e, naturalmente, só atendia pagantes. Convênio na seguinte base: o senhor paga-me e pega reembolso lá, se conseguir. Em geral, não consegue, porque convênio é fogo, e o doutor sugeria ameaçá-lo com processo — desde que ele não fosse chamado a depor, pois perder tempo no nosso sistema de justiça tartarugoide, burocrático e irritante não estava nos seus planos. De qualquer modo, como ele fazia questão de deixar meridianamente claro, o problema não era dele, era do paciente — que se virasse e resolvesse. Afinal, se a sua consulta era cara, estava economizando na vacina que não iria aplicar, porque ele desrecomendava enfaticamente a dita cuja.

A maior parte dos pacientes que o procuravam não tinha grande coisa do ponto de vista de patologia, o que é o habitual em consultórios. Grande parte dessas pessoas sofria de problemas situacionais com somatização, e nisso o dou-

tor era bom: conversava, ouvia. Por exemplo, dava palpites, ficava sabendo das últimas maldades da sogra e das proezas do filho mais velho que anda com uma menina da pá virada, e o pior é que ele sabia dos antecedentes dela e não ligava; doutor, o senhor acha que ele pode casar com aquela vadia, trazendo uma piranha para a nossa família?

Ele afirmava que não, pensando lá com seus botões que trazer uma piranha para uma família de tubarões não era tão terrível, porquanto, afinal de contas, tudo é peixe.

Claro que tinha pacientes. Crônicos não — ele não aceitava casos agudos, os quais encaminhava para um colega bem mais jovem que contava tempo para ir a hospitais e prontos-socorros. Ele cobrava um percentual do jovem que indicava, porque, afinal, o interessado tinha-o procurado, o famoso doutor. Quando um dos jovens — ele ia mudando conforme o auxiliar amadurecia e o mandava passear — disse-lhe que essa cobrança era antiética, ele não acreditou, frisando que aquela atitude era frescura de esquerdista ou coisa do Partido dos Trabalhadores (PT) — e até recordou para o rapaz que altos próceres do PT aceitavam muito bem esse tipo de conduta, em outros contextos, bastando abrir



os jornais e ler, mas o jovem não ficou convencido. Azar dele, que perdeu os encaminhamentos, e como já definiu um sábio Ministro da Saúde, médico é como sal, anda de branco, tem muito por aí e sai barato. Foi só o trabalho de escolher outro.

Um desses enfermos era o Sr. Sigmund, que fumava havia apenas cinquenta anos e foi acometido de uma doença pulmonar crônica (DPOC), vivia chiando e volta e meia tinha bronquite pior. O nosso colega tratava das agudizações da bronquite com corticoides e antibióticos, variando a marca de corticoides e o tipo de antibiótico de acordo com as propagandas que recebia, sempre na linha de frente, para ele: a última preparação de corticoides era sempre a melhor e que não dava ganho de peso e edema, e antibiótico era o mais eficiente contra tudo. O Sr. Sigmund quase sempre melhorava em uma ou duas semanas, e aí o caro colega esperava-o voltar para uma consulta de rotina, em que ele reclamava da mulher, que queria que ele parasse de fumar.

Nosso caro colega era liberal nesse assunto: afinal, quem fumou durante cinquenta anos não vai parar nunca, e, assim, sugeria que o Sr. Sigmund fumasse cigarro com filtro, pois, segundo a literatura da indústria do fumo, na qual ele acreditava piamente, o filtro evita em grande parte a toxicidade do cigarro para os pulmões. O colega achava de muito mau gosto aquelas propagandas nos maços de cigarros falando dos malefícios do fumo — tudo coisa de esquerdista que ataca a indústria fumageira que tantos benefícios proporcionou à humanidade.

Tudo corria muito bem até que em um mês de março o Sr. Sigmund apareceu na consulta de rotina com uma ideia de jerico: como todos os velinhos lá no clube dele estavam tomando a vacina contra a influenza, ele também achou que deveria, mas antes de qualquer coisa foi perguntar ao doutor, que não concordou.

— Sr. Sigmund, eu trato do senhor há muito tempo e nunca prescrevi essa tal de vacina, porque não acredito nela. Eu tomava, mas ficava com gripe todo ano. Eu acho que essa vacina é “truta” da indústria farmacêutica internacional, que ganha uma grana preta vendendo a vacina para nosso governo. O senhor sabe como é o pessoal do governo, compra por 10, diz que custa cem e põe 90 no bolso. O senhor conhece a história que dizem ser verdadeira da ponte Santos-Guarujá?

Sr. Sigmund estranhou:

— Mas onde fica essa ponte?

— Pois é, deixe eu contar a história. Um político americano visitou um dos nossos governadores no tempo da

ditadura e mostrou para ele a foto da ponte Verrazano, em Nova York, e explicou: o senhor vê esta ponte? Do orçamento dela 5% está aqui — e bateu no bolso.

Nosso preclaro governador não deixou por menos: mostrou a foto da ponta da praia, entre Santos e Guarujá:

— O senhor vê esta ponte?

O americano olhou, esfregou os olhos, colocou óculos para ver de perto e confessou:

— Não, não vejo nada.

E nosso paredro:

— 100% aqui no bolso.

Sr. Sigmund deu risada, mas insistiu:

— Então o senhor garante que a vacina para a gripe é completamente inútil? Não vou ter problemas se não tomar?

Nosso colega foi enfático:

— Pode ter problemas se tomar, isso sim. Vai por mim, pode confiar, eu tenho experiência e conheço esse mundo.

Sr. Sigmund passou muito bem em março e em abril. Maio foi frio e lá pelo meio desse mês o Sr. Sigmund acordou de noite com falta de ar e muita febre. Ligou para o doutor, que ligou para o jovem da vez, o qual foi à casa do Sr. Sigmund, chamou uma ambulância e levou o doente para o hospital — ele estava muito dispneico e com uma cor azul que não lhe caía bem. Ao chegar ao pronto-socorro, Sr. Sigmund foi entubado, ventilado e, infelizmente, faleceu dois dias depois.

O doutor ficou sabendo pelo jovem que no hospital tinham feito um teste para influenza A, que resultou positivo, levando, então, o pessoal da Unidade de Terapia Intensiva a colocar no atestado de óbito essa doença como causa principal.

O caro colega ficou indignado:

— Isto não existe. Ninguém morre de gripe, esses testes sei lá quanto valem.



E Eu com Isso?

José Carlos Barbuio

Quando nos pedem donativos para os desabrigados de Santa Catarina, pensamos: “E eu com isso?”. E não doamos nada ainda com a justificativa de que “houve muitos desvios de dinheiro remetido”. Se nos pedem algum conselho ou opinião, frequentemente retrucamos com o argumento de que o assunto não nos diz respeito. Lavamos as mãos e refugiamos-nos no nosso mundo “particular”. Entretanto, esquecemos que somos seres *sociais*. Hegel foi quem mais enfatizou isso. Fazemos parte do Todo e dele somos dependentes, dizia o filósofo. A noção do indivíduo como ser abstrato e destacado da sociedade não encontra apoio na maioria dos pensadores. Apesar de eles reconhecerem que há em nós um espaço interno e uma subjetividade que nos permitem tomar decisões, fazer escolhas, eles afirmam que elas — as escolhas — nunca estão absolutamente desvinculadas do meio social ao qual pertencemos.

No mesmo sentido, temos o exemplo do poeta inglês *John Donne* (1572-1631), que pronunciou a frase famosa: “Nenhum homem é uma ilha, completo em si próprio; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte do Todo”.

Quando ocorreu uma enchente na Argentina, há alguns anos, uma pessoa, anônima, escreveu esse bonito poema, em que destaca o poder da solidariedade:

“Eu tinha medo da escuridão

Até que as noites se fizeram longas e sem luz.

Eu não resistia ao frio facilmente

Até passar a noite molhado numa laje.

Eu tinha medo dos mortos

Até ter que dormir num cemitério.

Eu adorava exibir a minha nova jaqueta

Até dar ela a um garoto com muito frio.

Eu desconfiava da pele escura

Até que um braço forte me tirou da água.
 Eu achava que tinha visto muita coisa
 Até ver meu povo perambulando sem rumo pelas ruas.
 Eu não gostava do cachorro do meu vizinho
 Até naquela noite eu o ouvir ganir até se afogar.
 Eu não lembrava dos idosos
 Até participar dos resgates.
 Eu não sabia cozinhar
 Até ter na minha frente uma panela com arroz e crianças
 [com fome.
 Eu achava que a minha casa era mais importante que as
 [outras
 Até ver todas cobertas pelas águas.
 Eu tinha orgulho do meu nome e sobrenome
 Até a gente se tornar todos seres anônimos.
 Eu criticava a bagunça dos estudantes
 Até que eles, às centenas, me estenderam suas mãos
 [solidárias.
 Eu não lembrava o nome de todos os estados
 Agora guardo cada um no coração.
 Eu não te conhecia
 Agora você é meu irmão.
 Tínhamos um rio
 Agora somos parte dele.
 É de manhã, já saiu o sol e não faz tanto frio.
 Graças a Deus
 Vamos começar de novo”.

Quando não há nenhuma *solidariedade*, nenhum *auxílio*, o resultado pode ser ainda mais triste, conforme ensina a fábula:

“Um rato, ao olhar pelo buraco de uma parede, vê o dono da fazenda e sua mulher abrir um pacote. Pensou logo que era comida. Ao descobrir que era uma ratoeira, ficou aterrizado. Foi ao pátio da fazenda e gritou:

— Há uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa!

O galo, um diretor de um departamento, disse:

— Desculpe-me Sr. Rato, eu entendo que isso seja um grande problema para o senhor, mas não para mim!

O rato foi então ao porco e lhe disse:

— Há uma ratoeira na casa, é perigoso!

— Desculpe-me Sr. Rato, disse o porco (que era muito religioso), mas não há nada que eu possa fazer, a não ser rezar. Fique tranquilo que o senhor será lembrado nas minhas preces.

O rato então dirigiu-se à vaca, que era presidenta de uma entidade mística. Ela, mostrando uma rara calma, porque estava sempre muito atarefada em conseguir sempre novos adeptos, falou:

— O quê, Sr. Rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

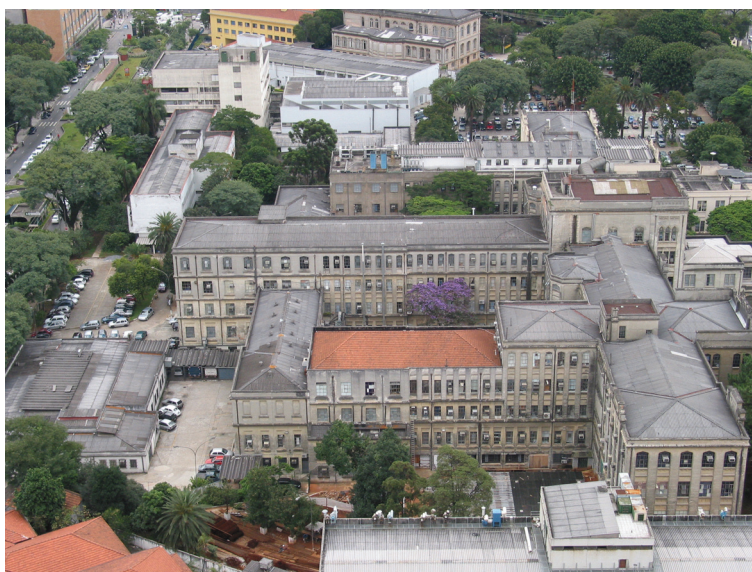
Então, o rato voltou para a casa, cabisbaixo e abatido.

Naquela noite, ouviu-se um barulho metálico. A mulher do fazendeiro correu para ver o que havia ocorrido. No escuro, ela não viu que a armadilha havia prendido a cauda de uma cobra venenosa, que a *picon*. O fazendeiro levou-a imediatamente ao hospital. Ela voltou com febre. E para alimentar alguém com febre nada melhor que uma canja de galinha. O fazendeiro então pegou um pequeno facão e foi providenciar o ‘ingrediente’ principal.

Como a mulher não sarava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la. Como não havia tanta comida, o fazendeiro matou o porco. A mulher não melhorou e acabou morrendo. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro, então, sacrificou a vaca para alimentar todo mundo”.

Aos Doutorandos da Faculdade de Medicina de Sorocaba

Hudson Hübner França



Disponível em: <http://www.warpenp.org.br/website/Files/imagens/Paginas/Image/area_hcusp.jpg>.

Faz seis anos que aqui nos encontramos pela primeira vez. Vocês, jovens demais, com pouco conhecimento da vida, vindos de lugares diferentes para uma cidade desconhecida; cidade em que rostos, nomes de praças e ruas não tinham nenhum significado, não evocavam nenhuma tradição.

Aqui chegaram estranhos, sozinhos, vazios, “sem lenço nem documento”.

Sabiam, apenas, que navegar é preciso. Contudo, aos poucos, ao longo dos anos, aprenderam que, mais importante que navegar, é preciso viver.

Navegar é, simplesmente, deslizar pela superfície. Viver é mergulhar profundamente no mundo e participar de suas incertezas, decepções, sonhos, desilusões, tristezas, alegrias, bem como colaborar ativamente para a construção da beleza que a vida pode oferecer.

No início, formavam apenas um ajuntamento de pessoas, grupo amorfo, sem coesão ou identidade; aos poucos, porém, ao longo do trabalho e estudo diários, da convivência cotidiana, transformou-se neste grupo de hoje, coeso, ama-

durecido, profundamente interligado por laços culturais e afetivos.

O tempo ensinou-lhes a viver. O tempo tem este poder. É capaz de tudo. O tempo encerra a magia do fazer. O tempo que aniquila é o mesmo que cria, transforma e faz renascer tudo que existe, num eterno retorno.

Foi o tempo que corroeu as Pirâmides do Egito, derrubou os Jardins Suspensos da Babilônia e jogou ao mar o Colosso de Rodes. Criou culturas e civilizações e, um dia, impiedosamente, apagará da face da terra a memória do homem.

O tempo já existia ao momento zero da criação e será o tempo que vai apagar a última estrela dos céus quando o mundo se acabar em frio ou fogo.

Nesses seis anos de curso, o tempo os transformou: aprenderam a cuidar de si e das pessoas e coisas ao seu redor, bem como a conviver com novos amigos, inclusive com ambientes e pessoas estranhas, nem sempre amistosos. Sentiram de perto como é difícil e dispendioso manter uma casa e dar ao filho uma educação profissional de alta qualidade.

Nesse tempo, sentiram de perto a vida em toda sua plenitude.

Conviveram com a cultura, a alegria e também com a pobreza e o sofrimento. Pessoas sofridas, desprovidas de tudo, sem nenhuma proteção financeira, política ou social; pessoas que, por vezes, gostavam de estar internadas em um hospital público, no qual dispunham de quatro refeições por dia, da presença solícita e carinhosa de uma enfermeira que procurava minorar a dor de uma injeção com palavras e um floco de algodão molhado em álcool; local em que recebiam todos os dias a visita do médico e estudantes que, além de com elas aprenderem, procuravam, também, aliviar a dor e a angústia, reacendendo esperanças.

Conheceram pessoas pobres que receberam da vida mais tranquilidade e conforto para morrer que para viver.

Aqui aprenderam que para cuidar de um homem que sofre é preciso examiná-lo com a visão penetrante do estudioso e, ao mesmo tempo, com o olhar carinhoso do amigo.

E, agora, vocês partem. Mas não partem vazios como chegaram, pois levam na mão um documento que pode lhes abrir mil portas e caminhos, e, no bolso, escondido, um lenço para disfarçar uma eventual, furtiva lágrima.

Partem, mas levam consigo um caleidoscópio de recordações, uma profusão de amigos, um mundo inteiro de afetos. Levam consigo um pouco de cada um de nós e deixam conosco, em cada um de nós, muito de cada um de vocês.

Agora, partem como depositários da nossa fé, depositários da nossa esperança, depositários do nosso orgulho, depositários do nosso amor.

Despedida

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Frente ao mar,
conquanto acerto os meus passos sobre a areia,
meu pensamento voa muito acima do quebrantar das ondas...

Nos longes fixo o olhar
buscando no infinito vislumbres de antiga vivência
— boa época que jamais reveria...

Enquanto a onda vinha e voltava,
sonhei o sonho pelo qual mais ansiava:
— ventura, certamente, não mais viria!
Esperança vencida... Entardecia...

Uma garça alçou voo e atravessou a nuvem branca...
O mar pareceu aquietar-se
apenas ele para adorar só um instante.
Ao derredor nada importava,
pois nunca voltaria aquele momento distante!

Ao chegar o fim do dia
a imensidão tornei a contemplar...
e até o velho e romântico sol poeta
ora sugeriu um cismar descrente...
Algo incomodou-me os olhos,
então dei as costas e voltei,
mas é sempre triste dar as costas para o mar.

Hudson Hübner França

*Professor Titular de Cardiologia da
Faculdade de Medicina de Sorocaba,
Membro da Academia de Medicina de São Paulo*

Analogias em Medicina (n. 23)

Queijo suíço ou emmenthal — Trata-se de queijo de leite de vaca de massa cozida e compacta, casca brilhosa e amarela, de textura elástica, com muitos buracos de tamanhos diversos, denominados “olhos” e, originalmente, feito na Suíça. O nome *emmenthal* tem origem no vale do Emme, região de Berna, onde foi produzido pela primeira vez há cerca de 700 anos. São usados 3 tipos de bactérias na produção do *emmenthal*: *Streptococcus thermophilus*, *Lactobacillus* e *Propionibacter shermani*. Esta última consome o ácido láctico produzido pelas outras bactérias e libera dióxido de carbono, que forma lentamente as bolhas, de 1 cm a 4 cm de diâmetro, características desse tipo de queijo. São muitas as comparações patológicas baseadas especificamente no aspecto esburacado do queijo suíço. — Na gangrena gasosa a absorção de enzimas elaboradas pelos clostrídios e a invasão sanguínea por estes provoca lesões diversas e formação de bolhas por todo o corpo, sobretudo no fígado, configurando o aspecto de queijo suíço. — Na genitália feminina são comuns os pólipos endometrial e endocervical, bem como a hiperplasia glandular do endométrio, contendo cistos de tamanhos diversos, que podem ser vistos a olho nu ou ao microscópio, lembrando também os buracos do *emmenthal*. — O carcinoma adenoide cístico de glândulas salivares maiores e menores, composto de células pequenas, em cordões ou em um padrão ductiforme, cuja porção central pode conter material mucoide, produz o aspecto de queijo suíço ou de favos de mel.

— Coração. Os defeitos de septo ventricular são classificados de acordo com o tamanho e a localização, variando desde lesões puntiformes até aquelas suficientemente grandes para criar, virtualmente, um ventrículo comum. Cerca de 90% envolve a região do septo membranoso. O restante situa-se abaixo da válvula pulmonar. Embora mais frequentemente único, o defeito septal ventricular na porção do septo muscular pode ser múltiplo, quando é denominado septo em queijo suíço (ingl. *swiss-cheese septum*). — Múltiplos cisticercos no encéfalo às vezes emprestam aspecto de queijo suíço ao cérebro, com vesículas observadas na superfície de corte e também na superfície externa dos hemisférios cere-

brais. — A papilomatose mamária juvenil ocorre mais em mulheres jovens (média de idade: 19 anos) e caracteriza-se por formação nodular com várias lesões císticas ao exame mamográfico e macroscópico, por isso denominada também *doença em queijo suíço* (ingl. *swiss-cheese disease*). Ao estudo microscópico observa-se hiperplasia epitelial, cistos, com ou sem metaplasia apócrina, e áreas de adenose. — Há ainda a rara síndrome ou *displasia cartilaginosa em queijo suíço* de Kniest (W. Kniest, médico alemão que a descreveu pela primeira vez em 1952). É forma congênita de condrodistrofia com nanismo acentuado, cifoescoliose, perfil achatado da face, palatosquise, nariz em sela, hipertelorismo, articulações alargadas e outras anormalidades esqueléticas, miopia, descolamento da retina e distúrbios da audição. A inteligência é normal. Trata-se de colagenopatia com mutação do colágeno tipo II. O estudo microscópico revela tecido cartilaginoso friável, irregularidades no tamanho dos condrócitos e matriz cartilaginosa perilacunar esponjosa, com condrócitos ocupando matriz muito vacuolada, configurando orifícios (“cartilagem esburacada”). Este aspecto inspirou a comparação com o queijo suíço, sendo essencial para o diagnóstico da síndrome de Kniest (ital. *sindrome della cartilagine a formaggio svizzero*; ingl. *swiss-cheese cartilage syndrome*).

O matador das Américas — O vocábulo matador, além de significar “o que mata” ou “o que causa a morte”, tem também emprego no sentido figurado como “aquele que perturba pelo seu fascínio”, por exemplo: *olhar matador*. Refere-se ainda ao toureiro que mata o touro em touradas, tipo de espetáculo em que os touros são torturados e espoliados até que possam ser abatidos a golpes de espada. No Brasil, especialmente no futebol, o atacante que faz gols é rotulado como matador pelos cronistas esportivos.

A ancilostomíase é helmintíase humana causada por dois parasitas, o *Ancylostoma duodenale* e o *Necator americanus*, e é amplamente distribuída por todo o mundo, sendo endêmica nos países tropicais e subtropicais. O *Ancylostoma duodenale*, que elimina cerca de 20.000 ovos por dia, é conhecido como ancilóstomo do velho mundo, predominando nos países

mediterrâneos, e outros como o Irã, Paquistão, Japão, bem como na América do Sul. O *Necator americanus*, ancilóstomo do novo mundo e que elimina 10.000 ovos por dia, é a espécie mais prevalente nas regiões tropicais das Américas, na África Central e largamente disseminado na África do Sul. Os vermes vivem no intestino delgado. O *Necator* possui lâminas cortantes circundando a margem da boca, e o *Ancylostoma* tem dois pares de dentes, o que lhes permite fixar-se nas vilosidades da mucosa intestinal, dilacerando-as e sugando o sangue do hospedeiro. Segundo os especialistas, ambos foram trazidos para a América pelos escravos.

As estatísticas mundiais registram que cerca de ¼ da população está afetada por esta parasitose, com maior incidência nos países subdesenvolvidos, refletindo as baixas condições socioeconômicas, pobreza e má nutrição. Segundo a Organização Mundial de Saúde, há 1,3 bilhão de pessoas infectadas pelo Ancilóstomo e 65 mil morrem devido à anemia associada à doença. Estatísticas mais recentes indicam redução da infecção (Bethony et al. *Lancet*, vol. 367, 1521-1532, 2006). A ancilostomíase tem, no Brasil, os nomes populares de amarelo ou opilação, ou doença do Jeca Tatu, personagem criado pelo notável escritor Monteiro Lobato e que, supostamente, refere-se ao camponês portador dessa verminose.

O Brasil, por sua situação geográfica de país tropical, somada às precárias instalações sanitárias da população, apresenta elevados índices de ancilostomíase em todas as regiões, excetuando-se as localidades de grandes altitudes.

Do ponto de vista clínico, pode-se encontrar indivíduos assintomáticos ou oligossintomáticos, que têm bom estado nutricional ou situações graves que necessitam de atendimento hospitalar. Os adultos apresentam sintomatologia de menor monta que as crianças. Os doentes queixam-se de cansaço fácil, adinamia, palidez, dores musculares e edema. Surge também a pica — perversão do apetite —, com desejo de comer terra ou barro (geofagia), carvão e arroz cru. Nas

formas mais graves a palidez se intensifica e o doente queixa-se de dispneia de esforço, tonturas e lipotímias. Nas infecções crônicas intensas, especialmente nas crianças, além da anemia grave, pode ocorrer acometimento do sistema circulatório, com sintomas que incluem dispneia, taquicardia, palpitação, sopros cardíacos e dores anginosas, traduzindo anóxia do miocárdio. Outras manifestações são edema generalizado (anasarca), hipoproteinemia e cardiomegalia.

O verme foi descrito, em 1902, pelo zoólogo e parasitologista Charles Wardell Stiles (1867-1941), após observar espécimes provenientes do Texas. Recebeu a denominação *Necator americanus* (lat. *necare*, matar; *necator*: que ou quem mata; matador, assassino), isto é, o matador da América (ingl. *the American killer*). Na falta de medidas preventivas amplas, e apesar do tratamento curativo atual, este diminuto verme continua justificando seu nefasto nome de batismo.

Obs.: Texto baseado em diversos autores nacionais.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

Cinamateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.